

## IMIGRAR, VERBO INTRANSITIVO. O QUE A HISTÓRIA PODE ESPERAR DA LITERATURA SOBRE O TEMA IMIGRAÇÃO

Lucas André Berno Kölln<sup>1</sup>

ERPENBECK, Jenny. *Go, went, gone*. Translated by Susan Bernofsky. New York: A New Directions Book, 2017.

Romances que resultam da própria experiência do escritor podem ser importantes chaves analíticas para a História quando pautam e oferecem novas perspectivas para assuntos bastante sensíveis, como é o caso da imigração. É o que se pode esperar de *Go, went, gone*, da alemã Jenny Erpenbeck, de 2015, publicado em inglês em 2017 e ainda sem tradução para o português. De modo geral, ter como um de seus temas principais a crise dos refugiados é ponto que tem sido ressaltado pela crítica internacional, conforme atestam várias resenhas publicadas,<sup>2</sup> e seu interesse sublinha a existência desse grande corredor de imigração que liga países africanos à Europa. Tal como é retratado por Erpenbeck, o tema dos refugiados parece até estar assentado no horizonte da história europeia há tempos. A maturidade da apreensão e a sensibilidade do olhar da escritora acusam que há um núcleo existencial sobre o qual se estabeleceu o relevo do romance de 2016, um núcleo que se insinua, diluído em muitas passagens do livro e que, provavelmente, tem a ver com o longo processo de re-inserção dos alemães orientais na Alemanha desde a queda do Muro em 1989.

O personagem principal do romance é Richard, professor universitário de Filologia Clássica recém-aposentado, que está ainda tentando encontrar o ritmo de uma vida em que o trabalho não é mais central. O livro começa com o idílio da aposentadoria pouco a pouco deixando vir à tona o tédio, uma leve angústia que jaz no segundo plano de sua mente. Erpenbeck deixa ver esse descompasso conforme nos guia pelos metódicos pensamentos de Richard quando este organiza uma lista de compras ou faz planos para seu tempo livre, tudo muito racional, acadêmico e sistemático.

Outrora acostumado a desencavar o sumo simbólico numa imagem homérica ou de uma ode virgílica, Richard tem de passar então a ocupar suas caraminholas em tarefas cotidianas as mais prosaicas, anti-épicas mesmo, as quais, no entanto, o levam a deparar-se com um episódio cabal: um grupo de refugiados de várias nacionalidades africanas acampados na Oranienplatz em pleno inverno.<sup>3</sup> Curiosamente, Richard passa por eles sem notá-los, somente vindo a vê-los mais tarde, no noticiário, quando descobre que faziam um protesto pelo direito de permanecerem na Alemanha e de lá trabalharem.

Surpreso e culpado, Richard busca informações e consegue estabelecer contato com os refugiados, já num velho prédio onde as autoridades berlinenses os alojaram. Descobre seus nomes, seus projetos e suas histórias, assim permitindo que se tornem efetivamente visíveis no romance, como personagens antes de instrumentos narrativos. Doravante feito sobretudo de conversas (ótima solução de ritmo, aliás), *Go, went, gone* nos apresenta Rashid, Awad, Rufu, Ithemba, Karon, revelando quem foram e quem tentavam ser.

Descobrimos quais são seus países de origem, como vieram parar na Alemanha, no que trabalhavam antes, que línguas falam e quais as dificuldades enfrentam para permanecer. Richard funciona aí como nosso termômetro moral, mobilizando nossos preconceitos e servindo como espécie de boneco de teste de nossas percepções. Como Erpenbeck é muito habilidosa em antecipar-se a estas, consegue torná-las parte de sua ficção num sentido muito prático, dando-lhe um caráter de experimentação e desnudamento, desarmando nossos

---

<sup>1</sup> Doutor em História pelo Programa de pós-graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Contemporânea e História dos Estados Unidos, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, literatura norte-americana, história, trabalho e trabalhadores. Email: lucas\_kolln@hotmail.com

<sup>2</sup> É o caso, por exemplo, das resenhas de Claire Messud no *The New York Times*, em 12 de dezembro de 2017 (Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/12/12/books/review/go-went-gone-jenny-erpenbeck.html> Acesso em: 28 fev. 2020.); de James Wood no *The New Yorker*, em 18 de setembro de 2017 (Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/12/12/books/review/go-went-gone-jenny-erpenbeck.html> Acesso em: 10 mar. 2020.); de Ruth McHugh-Dillon no *The Lifted Brow*, em 7 de dezembro de 2018 (Disponível em: <https://www.theliftebrow.com/liftebrow/2018/12/7/the-lives-of-others-a-review-of-jenny-erpenbecks-go-went-gone-by-ruth-mchugh-dillon> Acesso em: 9 mar. 2020.); de Eileen Battersby no *The Guardian*, em 23 de setembro de 2017 (Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/sep/23/go-went-gone-review-jenny-erpenbeck> Acesso em: 10 mar. 2020.); e a de Adam Kirsch no *Barnes and Noble Review*, em 16 de outubro de 2017 (Disponível em: <https://www.barnesandnoble.com/review/go-went-gone> Acesso em: 9 mar. 2020.), entre outras.

<sup>3</sup> Oranienplatz é uma praça localizada em Berlim, onde aconteceu protesto de imigrantes e refugiados cuja pauta era o direito dos refugiados de trabalhar e estudar na Alemanha. De outubro de 2012 a abril de 2014, seu acampamento de protesto se manteve. O movimento "OPlatz" era composto principalmente por solicitantes de asilo da África, que vieram de campos de toda a Alemanha em um ato de desobediência civil contra o Resididpflicht (regulamento federal que restringe a mobilidade de imigrantes que buscam a condição de refugiados).

gatilhos etnocêntricos. Quando Richard acha que tinha sido roubado por Rufu, flagramo-nos também suspeitosos; quando ele reconhece no seu íntimo que não saberia localizar os países dos refugiados num mapa, somos obrigados a confessar-nos culpados de delito semelhante.

O que consegue tornar Richard um personagem simpático é seu esforço em compensar "predisposições morais" e curtos-circuitos culturais. A escolha desse narrador-protagonista soa como sutil crítica a esse *establishment* tão europeu, a universidade, pois reconhecer essas insuficiências num bem-sucedido acadêmico não parece ato inocente. Para completar, sendo Richard um estudioso da era clássica, é através desse filtro que tenta ler a trágica aventura dos refugiados: Rashid é chamado de Olimpiano (ERPENBECK, 2017: p. 91), há tentativas de aproximar a cultura oral helênica e o tuareg (ERPENBECK, 2017: pp. 150-151), um dos africanos chama-se Apolo, e diversos eventos são interpretados mediante analogias a elementos de Hesíodo, Tácito, Ovídio, Heródoto, Platão e Sêneca, além de uma menção ao Tristão da lenda medieval (ERPENBECK, 2017: p. 145, p. 251, p. 240, pp. 140-142, p. 240, p. 66, respectivamente). Nenhuma dessas referências soa como exercício condescendente de "ocidentalização": são procedimentos mentais do narrador-personagem, um classicista tarimbado, fazendo seu melhor para pôr as coisas no lugar a partir de seu arsenal interpretativo, e assim ressarcir seus débitos culturais - Erpenbeck antecipando todos eles.

Essa capacidade de antecipação tem a ver com um dos principais aspectos do romance, que é o trabalho de campo prévio, e como ele consegue impactar na construção da estória. Não há menções vagas a trajetórias desgraçadas para fisgar o público por meio da comoção barata, lacrimosa. Há um retrato concreto das realidades enfrentadas, desde como o problema da língua é sanado até o estatuto jurídico incerto dos refugiados na UE, como funciona a ajuda humanitária e quais são os procedimentos legais no processo de luta por permanência.

De um lado, há uma compreensão das percepções eurocêntricas, materializadas nas opacidades contra as quais peleja Richard. De outro, um esforço genuíno de tomar os refugiados como sujeitos ativos antes de tema passivo, donde a pesquisa de campo e donde o papel deles como personagens de sua própria história, por ingloria que ela possa ser. Erpenbeck opera com desenvoltura em ambos os lados da moeda, sendo tão diligente num quanto noutra, ao passo que perguntamos: como ela consegue?

"Porque é uma excelente escritora e sabe manusear os elementos que constituem um bom romance" é a resposta mais óbvia; ou, recorrendo à imagem do clássico *Aspectos do romance*, de Forster: porque sabe aplicar "nova camada de mercúrio" em seu "espelho" romanesco e com isto "adquire nova sensibilidade". Nenhuma das respostas está errada. Mas argumento que há algo mais, que gostaria de explorar: o fato de Erpenbeck ser uma berlinense oriental de nascença, e inserir essa dimensão da história alemã no livro.

Como um acadêmico de considerável porte intelectual, da prestigiosa Universidade Humboldt, Richard tem diversos amigos que lecionaram em universidades, e vários deles aparecem no livro, em jantares ou em conversas casuais com o narrador. Nessas ocasiões propõe-se um breve pano de fundo para apresentá-los, e se descobre que quase todos são oriundos de universidades da Berlim Oriental, e que passaram por período de incerteza para conseguirem se inserir na academia depois de 1989 - há mesmo um ex-professor de História Econômica que passou a consertar computadores porque Economia Socialista não era o assunto certo no qual ser especialista nesses tempos pós-Queda (ERPENBECK, 2017: p. 70).

A aposentadoria de Richard, assim como a de seus colegas cujas carreiras começaram na Berlim Oriental, é menor que a de seus pares ocidentais. (ERPENBECK, 2017: p. 42) Essa comunidade de professores acadêmicos, já pequena e centrípeta, o era ainda mais pelo fato de serem "do lado de lá" do Muro. Eram como os berlinenses orientais que iam passear nos distritos ocidentais no imediato pós-1989 e se viam de repente "(...) sentando às mesmas mesas que seus compatriotas, procurando, como eles, aquele senso familiar de isolamento que não podia ser encontrado em casa, um senso de refúgio, como se buscando se proteger do vento por detrás do muro..." (ERPENBECK, 2017: p. 43)

Esse estranhamento também se expressa na geografia de Berlim.

Em várias ocasiões Richard descreve a paisagem urbana e sublinha a diferença em relação à cidade pré-Queda. A fonte da Alexanderplatz, outrora "o lugar perfeito para as crianças testarem sua coragem se equilibrando nos corredores de cimento que separam os espelhos d'água", tornou-se mera "fonte em formato de escada borbulhando por conta própria." (ERPENBECK, 2017: pp. 14-15) A construção é a mesma, mas não seu significado, levando o narrador a indagações filosóficas: "O que uma imagem como esta, que perdeu sua história, pode nos dizer? (...) Que o tempo parou? Há ainda algo por desejar?" (ERPENBECK, 2017: p. 15) Noutra passagem, Richard passa por um lote vazio onde "até recentemente ficava uma grande casa com janelas de sacada, uma varanda envidraçada e ornamentos esculpidos em madeira", concluindo que "(...) não há melhor forma de fazer a história desaparecer do que tirar a coleira do dinheiro". (ERPENBECK, 2017: p. 72)

São esses sinais que criam, por caprichoso jogo de contrastes, uma aura nostálgica em torno dos "tempos orientais" (the Eastern Times), pois "Agora é ocidente o tempo todo e em todas as direções cardeais dessa cidade e dessa terra." (ERPENBECK, 2017: p. 43)

Em entrevista concedida ao *The Guardian* em 2015, Erpenbeck revelou experiência similar a de seus personagens: "Eu cresci sendo constantemente lembrada de que eu vivia na parte pobre de Berlim. Então a coisa toda virou de cabeça para baixo e de repente passei a viver no lado rico." (ERPENBECK, 2015) Disse, ainda: "Eu não consegui esquecer. Não se consegue esquecer o que é estar do outro lado da história. Isso permite que você se relacione de modo diferente com as outras pessoas, especialmente com aquelas para quem as coisas não caíram do céu." (ERPENBECK, 2015)

É possível dizer que *Go, went, gone* é tão romance sobre os refugiados quanto é romance sobre a fragilidades da costura nacional alemã depois da Queda do Muro. Os alemães reintegrados da parte oriental experimentaram-se estrangeiros na Alemanha, e Erpenbeck expressa essa silenciosa condição transportando-a para o tratamento daqueles outros estrangeiros, os refugiados africanos. A perspicácia e sensibilidade da escritora enraízam-se nessa dupla condição: é mais alemã que os refugiados, mas não tão alemã quanto os alemães ocidentais. Consegue operar, assim, de ambos os lados da moeda: penetra fundo nas armadilhas etnocêntricas mas se identifica genuinamente com os anseios dos estrangeiros.

Awad, o refugiado ganense, tenta explicar seu sentimento de deslocamento dizendo que "Quando você se torna um estrangeiro, (...) não tem escolha. Você não sabe aonde ir, não sabe nada. Eu não consigo mais me ver." Richard tenta sistematizá-lo: "Tornar-se estrangeiro. Para si e para os outros. É nisso que se constitui uma transição." (ERPENBECK, 2017: p. 63) É assim que Awad interpela a experiência de Richard, e é assim que Richard responde ao que vê, alimentando-se dialeticamente desse outro como um espelho de si próprio.

É esse movimento, alquimia da alteridade, que constitui a epopeia de nosso tempo: esse outro que, rompendo o horizonte do marasmo, nos faz olhar para dentro ao mesmo tempo que nos força a olhar para fora, para outro modo de existir. Quem pode dizer o contrário colocando lado a lado o Richard do início e do fim do livro? Sua travessia da ignorância à solidariedade guarda certa simetria (simbólica, é claro) com a homérica e inacabada jornada dos refugiados. O sentido épico disto não passa despercebido pelo personagem filólogo clássico nem pela romancista, que espicha uma analogia com esse texto canônico da civilização europeia e ocidental, chamando o refugiado de "Odisseu anônimo" (ERPENBECK, 2017: p. 57). Não estaria aí a aurora de uma nova Europa? Para uma afirmativa ou para uma negativa, *Go, went, gone* constará entre as leituras obrigatórias.

## Referências

ERPENBECK, Jenny. "People in the west were much more easily manipulated" - Interview with Jenny Erpenbeck, by Philip Oltermann. **The Guardian**, 6 jun. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2015/jun/06/jenny-erpenbeck-interview-time>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Recebido em 3/04/2020  
Aceito em 30/07/2020